

Bem-vindos ao baile

KURT PESSEK

O maior espanto nestas sucessivas descobertas das falcaturas, publicadas a todo instante, está bem longe do clima de mágica surpresa na qual embrulham as notícias. Passa-se a ficar de só agora ser unguento de verdade fatos do conhecimento de todos há anos, quando foram motivo de inúmeras e antigas críticas até publicadas nos jornais, vide Jânio de Freitas. Estão a descobrir a pólvora, ou o jogo-do-bicho, à escolha do freguês.

As provas colhidas pelo senador Bisol nos permitem transpor o espaço da alegoria e pisar firme na realidade. O secreto cartel das empreiteiras, sem dúvida, tem companheiros em outros setores. Esses grupos, de difícilíssima formação, sugerem existir há muito tempo. Para tanto, contam com o indispensável conluio de burocratas do serviço público. Tudo isso desemboca em claro remate: o Poder Executivo se omite nesta delicada hora, a fazer-se de cego ante o clima de pré-revolta armada no horizonte.

A puxar firme a fieira das rapinagens, há de chegar-se aos tais cem congressistas adrede listados

por Bisol para o corte. Aí sim, conheceríamos a verdadeira hecatombe. Só que esse número, face aos artificios do processo em vigor, jamais será alcançado, afirmam os entendidos no assunto. Espioharam, apenas, os mais corruptos para os oferecer à sanha do povo. Poucas cabeças para satisfazer o monstro, o qual sem dúvida exigirá outro tanto para os imolar no auto-de-fé. Ou seja, o beco não tem saída.

O processo autófago em curso na política tende, inexorável, a estender-se a outros poderes e também ao setor privado. Corre tal e qual sangria desatada, começa a apresentar nítido diagnóstico de crise profunda, nutrida pelo galopante encarecimento do custo de vida e pelas insensatas notícias de o Governo aumentar os impostos. Logo agora? Estamos, portanto, ante o surpreendente processo revolucionário no qual cada denúncia provoca maiores terremotos capazes de sepultar todos — sem poupar um só — líderes, partidos políticos e instituições. O Brasil vomita incontrolado.

Em pouco tempo, nós seremos

incapazes de distinguir os biltres dos inocentes e destarte proteger a corja dos embusteiros. Bom para eles, ruim para o País. Com o fito de evitar tal desastre, começam a surgir idéias prontas a transformar-se em propostas. Todas visam a impedir o desafinar da toada de modo a tanger direto ao patíbulo político quem de direito, além de sustar a avalanche ameaçadora cujas consequências ninguém se arrisca a prever.

A autodissolução do Congresso após cassarem os mandatos dos laráprios, e ainda autorizar o Judiciário a processar os suspeitos de delitos, pode ser boa medida. Convocar-se-á eleições no prazo de um mês. Afinal, com o intuito de garantir a democracia e restaurar o crédito dos políticos, é de bom alvitre eles mesmos estancar a enxurrada antes que alguém o faça. Há muitos aspirantes desejosos de reviver o famoso baile da Ilha Fiscal, que o digam os insistentes e reiterados desmentidos. Aí tem, diz o povo.

■ Kurt Pessek é escritor